

O espaço e a cultura indígena Kaingang em Santa Maria, RS – um apanhado histórico.

El espacio y la cultura indígena Kaingang en Santa María, RS - una síntesis histórica.

Sessão Temática: Patrimônio e Memória

DECIMO, Luíse Belochio; Graduando; Universidade Franciscana

luise.bdecimo@ufn.edu.br

GASPARY, Fernanda Peron; Mestre; Universidade Franciscana

fernandaperon@prof.ufn.edu.br

Resumo

Este artigo é resultado do trabalho final de graduação, do curso de arquitetura e urbanismo, que aborda a cultura Kaingang por meio de uma análise histórico crítica de seu território. O objetivo é ressaltar a importância do reconhecimento do assentamento da aldeia e despertar o interesse nos povos indígenas, como forma de valorizar sua história e preservar sua cultura. A partir da percepção acerca da presença da cultura indígena Kaingang da Aldeia Três Soitas no Município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, observa-se sua luta e resistência mesmo diante de uma situação de vulnerabilidade social e de desvalorização da própria cultura. Nesse contexto, e a partir da imersão na cultura provocada diante a vontade de propor um lugar pulsante de criação indígena, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, onde é possível concluir o potencial cultural, social e sustentável que os povos nativos possuem nos seus espaços quando valorizados.

Palavras-chave: Aldeia Kaingang Três Soitas, Cultura Indígena, História.

Abstract

This article is the result of the final graduation work of the architecture and urbanism course, which discusses the Kaingang culture through a critical historical analysis of their territory. The objective is to emphasize the importance of the village settlement and to awaken the interest in the indigenous people, as a way of valuing their history and preserving their culture. From the perception of the presence of Kaingang indigenous culture in the Três Soitas Village in

Santa Maria, Rio Grande do Sul, it is possible to observe their resistance even in the face of social vulnerability and devaluation of their own culture. In this context, and from the immersion in the culture caused by the desire to propose a place of creation, through qualitative research, of exploratory nature, it is possible to conclude the cultural, social, and sustainable potential that native people have in their spaces when valued.

Keywords: Kaingang Três Soitas Village, Indigenous Culture, History.

1. Introdução

Este artigo parte da inquietação acerca da valorização das raízes brasileiras, tendo como objeto de estudo a ocupação do espaço pelo povo indígena Kaingang¹, assentados no centro do Rio Grande do Sul. Atualmente, o Brasil está passando por um processo de etnografia, ou reetnização, da cultura indígena originária, momento em que os povos indígenas estão reassumindo sua tradição e resgatando sua cultura e seus direitos (BANIWA, 2006). Mesmo com anos de expropriação de suas terras, continuam resistentes e honrando a memória coletiva que possuem com o espaço. A ocupação dos Kaingang na região é de tempos anteriores à chegada dos ibéricos na América (BECKER, 1976; LAROQUE, 2007). A comunidade indígena dos Kaingang da Aldeia Três Soitas está localizada na Estrada Municipal de Canudos no Distrito de Arroio Grande, do município de Santa Maria, RS. Essas terras onde habitam atualmente os povos nativos foram espaços conquistados com muita luta após passarem anos em terrenos desocupados e acampamentos provisórios. Consequências da colonização europeia no Brasil que reverberam até hoje nas culturas nativas e afetam sua inserção nos espaços públicos, o cultivo de suas tradições e seu sustento econômico.

Antes da chegada de Pedro Alvarez Cabral, havia um outro Brasil, com cerca 3 milhões de habitantes que foram denominados como índios (FUNAI, 2013). Essa denominação tem um peso genérico, pois ela é atribuída a várias tribos de diferentes tradições, mas que se identificam e se unem enquanto habitantes originários dessas terras. Com a colonização na América houve uma grande repressão, que modificou o modo de vida local. Mesmo com a expropriação de suas terras, os indígenas buscavam manter sua tradição e seu modo de vida, porém foram dominados e invadidos por novas doenças. Muitas tribos foram extintas, das mais de 1.500, hoje temos 305 povos étnicos diferenciados no Brasil, e o número de habitantes é de um pouco mais que 890 mil indígenas reconhecidos, segundo Censo Demográfico do IBGE de 2010.

Apenas em 1910 houve a criação do Serviço de Proteção aos Índios, em decorrência do massacre contra os nativos que o Brasil estava sendo acusado publicamente no exterior do país, e em 1967 foi substituído pela Fundação Nacional do Índio, a FUNAI, pela Lei nº 5.371, vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (FUNAI, 2013), ocorreu assim um avanço nas questões da educação e cultura indígena no país (CUNHA, 1992). Mais tarde,

com a Constituição de 1988, foram finalmente expressos os direitos e o reconhecimento indígena:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (Brasil, 1988, Art. 231).

Nos últimos anos, os povos originários vêm conquistando cada vez mais sua visibilidade e possibilidade de serem reconhecidos como cidadãos brasileiros, ao mesmo tempo que exercem seu modo de ser, viver, pensar e fazer próprios. Contudo ainda estão em busca de terem seus direitos totalmente garantidos e respeitados. Nesse processo de resgate da cultura originária, os povos têm como desafio adaptar-se nesse meio contemporâneo, que impacta seu modo de vida e equilibrar a tradição e modernidade. É em meio a essa contradição que os indígenas se inserem e lutam pelo reconhecimento dos seus direitos ao mesmo tempo que preservam sua memória. Por isso é essencial o investimento na educação da sua própria história, cultura, artesanato, língua, costumes e espaços que viabilizem essas práticas, para que os recursos da sociedade não-indígena auxiliem os povos nativos nos seus processos políticos e organizativos e não os tornem apenas vítimas do consumismo do homem, o que seria o oposto de uma cidadania indígena diferenciada que conecta positivamente os dois mundos (BANIWA, 2006).

2. Kaingang: o povo da floresta

Os Kaingang, ou tradição Taquara, na nomenclatura arqueológica, pertencem à família linguística dos Jê do Planalto Meridional, região característica pela Floresta das Araucárias e Mata Atlântica. Um povo marcado por sua intensa mobilidade na pré colonização onde permearam pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e permanecem até hoje (IBGE, 2015). Nessa região disseminaram as árvores de araucária, sendo conhecidos tradicionalmente como o povo da floresta, fonte do seu conhecimento e local de suas vivências, a própria universidade Kaingang (EMILLIANO, 2018).

O mito de origem Kaingang conta que eles vieram do solo, por isso tem a cor da terra. Saíram da terra chefiados por dois irmãos: *Kamé* e *Kairu*, cada um conduzia consigo um grupo de gente, a qual o povo se organiza socialmente até hoje. As pessoas e tudo na natureza são relacionados a esses dois clãs, que fazem parte da sua história de criação. *Kamé* representa a força e os guerreiros com corpos mais avantajados, pés e mãos grandes, representam a marca comprida (*râ téi*), riscos retos, formas retangulares e fechadas, na natureza é representado o sol, o pinheiro e o lagarto. A outra metade *Kairu* são os ágeis no pensamento

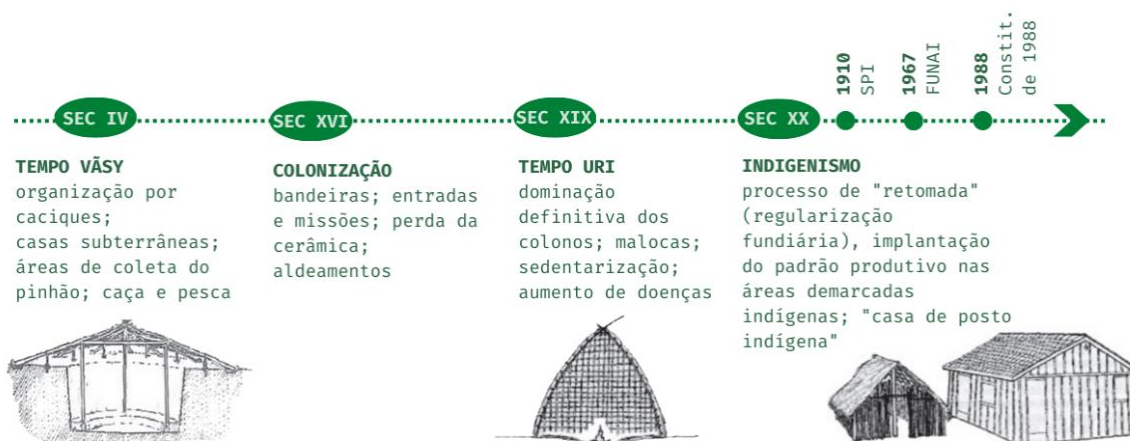
e iniciativa, tem corpo magro, esbelto, mãos e pés pequenos, na arte sua marca é redonda (*rá rôr*), aberta ou fechada. Na natureza é a lua, o cedro e o macaco. Também estabeleceram a forma como se relacionam, a exogamia. Na sua crença, *Kamé* pode se casar apenas com *Kairu*, porque o discurso Kaingang dissemina que a fertilidade vem da união dos opostos. Essa dualidade também está fortemente presente em seus rituais, como o *Kikikoi*, ou ritual dos mortos, uma das principais tradições Kaingang (EMILLIANO, 2018; KONIG, 2017; TOMASSINO, 2014).

Os Kaingang são povos conectados com sua terra, *Ngá*, a terra tem um significado representativo na vida social indígena, não apenas para subsistência, mas representa um recurso sociocultural (RAMOS, 1995). Em conversa com o cacique Natanael da Aldeia Três Soitas, ele comenta essa importância:

A terra é a nossa mãe. Sem a terra a gente não vive. Sem a mãe a gente não vive, a criança não vive. A gente tem esse respeito com a terra. É dela que vem nosso alimento, é dela que vem nossa força, nosso refúgio. Esse contato com a natureza é muito forte por causa disso. Entre nós Kaingang é muito forte isso.

Os tempos atuais, denominado como *Uri* na linguagem Kaingang, está marcado pela exploração dos seus espaços e redução dos aldeamentos, perdendo a conexão que tinham antigamente, no tempo *Vãsy*, quando gozavam de vastos territórios para pesca, caça e coleta com abundância (Figura 1). A transição desses tempos se dá na década de 1930/1940, quando há mais perdas de suas terras e aumento do desmatamento no processo de colonização (TOMASSINO, 2014).

Figura 1: Sucessão Kaingang ao longo dos séculos.



Fonte: Esquema dos autores adaptado de Amparo (2016). Com desenhos de Beber e Zuch-Dias.

A mudança dos tempos também influenciou na arquitetura tradicional Kaingang, como as malocas, palhoças e as casas subterrâneas. As prováveis datas da existência dessas habitações subterrâneas na região são do século IV ao XVIII, de uma arquitetura mais orgânica, circular e vernacular, que hoje são inexistentes e foram substituídas pelas “casas de posto indígena”, assim identificadas pelos arqueólogos. Casas de planta retangulares, geralmente feita de madeira ou tijolos. (AMPARO, 2010; ZUCH-DIAS, 2004).

Na Aldeia Três Soitas, o artesanato é desenvolvido por pelo menos um integrante de cada família para vendas, mas geralmente todos os integrantes sabem as técnicas, e como confirmado pelo Cacique, o conhecimento da confecção do artesanato é passado dentro de casa no dia a dia. No artesanato a conexão com o natural se mostra nos materiais, onde utilizam a taquara, cipó, cascas de timbó e penas (MILDER, 2021). A produção atualmente se limita em balaios, cestas (Figura 2), pássaros de cipó, filtros dos sonhos e pulseiras artesanais. Com apoio e infraestrutura podem ser resgatados a tecelagem e a cerâmica, que já fizeram parte da cultura. As vezes o material se torna precário e os Kaingang precisam ir em outras aldeias e regiões para coletá-lo.

Figura 2: Cestas produzidas pelos indígenas Kaingang da Aldeia Três Soitas.



Fonte: Acervo pessoal (2022).

O grafismo, presente nos artesanatos e nas pinturas corporais, também seguem a cosmologia de *Kamé* e *Kairu*. Se o objeto ou marca pertence a metade *Kamé* possui características morfológicas mais longas e abertas, é mais forte e pertence ao sol. Já da metade *Kairu* pertence a lua, com formas mais redondas, curtas e fechadas. Como disse Amparo (2016):

Não se pode afirmar que os espaços mentais dos indígenas não se aproximem da geometria. As pinturas corporais, os artesanatos, enfim, todos os grafismos e formas arquitetônicas, todas elas são expressões de saberes e fazeres indígenas, remetem, de certa forma, a uma geometrização do mundo. (Amparo, 2016).

3. Kaingang em Santa Maria: trajetória e situação

A trajetória dos povos indígenas é essencial para entender o contexto em que os Kaingang se inserem na Aldeia Três Soitas. Ao interligar os elementos culturais do passado e o que foi gerado ao longo da história, pode-se identificar as situações do presente. Milder (2021) afirma que, antes da definição das fronteiras entre Santa Maria e São Pedro do Sul, já viviam nas matas os povos indígenas. Segundo Luvizotto (2009): “A região era vista como “terra de ninguém” e era povoada por índios *caaguá*, *arachã*, *carijó*, *tape* e, mais adiante, os caingangues.” Com a colonização sua presença quase se apagou, mas suas marcas sutis na cultura comprovam sua resistência. Perius (2020) relata que entre 1824 e 1875 o Império Brasileiro adotou políticas de incentivo a imigração de alemães e italianos:

Estes vinham para o Brasil em busca de melhores condições de vida, incentivados pelo Império para “povoar espaços vazios” da Província de São Pedro, [...] A chegada destas famílias da Europa, juntamente com a criação dos aldeamentos, fez com que os Kaingang se deparassem com uma série de mudanças que implicaram transformações no ambiente onde viviam.

Esse é um dos acontecimentos que comprovam a diminuição que os povos originários sofreram, no que resultou a sua expulsão das terras nativas e reclusão em outros locais. A reocupação do território em Santa Maria tem registros em 1999. Os Kaingang se instalavam em acampamentos provisórios ou *wãre*², para vender seu artesanato e garantir o espaço que reconheciam como tradicional (PERIUS, 2020). Em entrevista com o cacique Natanael da Aldeia Três Soitas em Santa Maria, área de estudo da presente pesquisa, percebe-se a forte relação que os indígenas têm com o território, quando perguntado o porquê de estarem no atual terreno:

Santa Maria sempre foi rota dos Kaingang, a rota do noroeste, norte até o litoral. [...] Não é simplesmente um lugar que vai e decide ficar lá. Eu vejo que nesses 5 anos que estamos aqui, o lugar está prosperando. As coisas tão dando certo e a gente ta se encaminhando aos poucos. Creio eu que seja esse contato que a gente tem. Nossos ancestrais/antepassados tão enterrados por aqui. A gente acredita muito nisso, que aonde nossos antepassados passaram a gente tem que passar. A gente tem que ta ali. Os espíritos deles nos chamam. Então não foi simplesmente um lugar. Foi mostrado muitas áreas e terrenos pra nós aqui em Santa Maria, mas nós nos identificamos com essa área. Esse terreno. Mais perto da natureza. (Cacique Natanael Claudino, 2022).

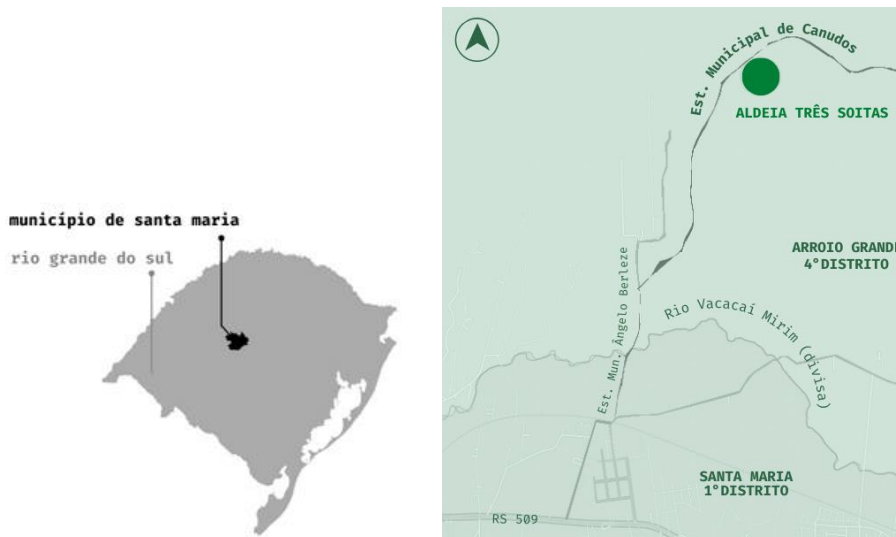
Antes de conquistarem o atual terreno, revezavam quem vinha para a cidade e quem voltava para sua aldeia, a maioria da Terra Indígena do Guarita, de Tenente Portela, de onde hoje os atuais habitantes da Aldeia Três Soitas possuem parentes. Em 2000 os Kaingang começaram a fixar-se próximo a Rodoviária de Santa Maria em um terreno baldio, no bairro Nossa Senhora de Lourdes, instalados de forma precária em barracões e vendendo seus artesanatos nos arredores, dando início a formação da Aldeia Três Soitas (PERIUS, 2020).

Em 2001 houve a iniciativa conjunta de Igrejas da cidade para a construção da Casa do Índio, um espaço de alojamento temporário que recebia os indígenas quando vinham para a cidade. O espaço teve apoio do governo Municipal e da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (PERIUS, 2020).

A Casa existiu de 2001 até 2006 no Parque da Medianeira, região central da cidade. Com o fechamento da Casa do Índio, a busca por um espaço próprio se tornou mais importante. Assim, em 2011 foi garantido o direito da ocupação provisória dos Kaingang próximo a rodoviária, onde foi construído, em 2013, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Augusto Opê da Silva, em homenagem ao líder indígena Kaingang da região sul do Brasil (ARAÚJO, 2021).

Com base nas pesquisas e na visita pessoal, compreende-se que o deslocamento da aldeia e da escola do bairro Nossa Senhora de Lourdes para a atual localização, na Estrada de Canudos, foi feito gradualmente, entre 2018 e 2019, quando todos da comunidade já estavam estabelecidos no local. Nesse novo espaço (Figura 3), mais distante da cidade, os Kaingang se aproximam mais da sua cultura originária em contato com a natureza, onde podem cultivar alimentos e criar animais para seu sustento.

Figura 3: Localização da Aldeia Kaingang Três Soitas no município de Santa Maria, RS.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

O Município de Santa Maria possui a característica peculiar de estar na zona de transição entre os biomas da Mata Atlântica e dos Pampas, tornando suas definições mais complexas. A aldeia Kaingang se localiza dentro do Bioma da Mata Atlântica e mais especificamente na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA). A RBMA consiste na maior reserva da biosfera em área florestada do mundo reconhecida pela UNESCO. A sua função é conservar a biodiversidade, promover o desenvolvimento sustentável e fomentar a pesquisa, o monitoramento e a educação ambiental (RBMA, 2022).

A Reserva é dividida em 3 zonas: núcleo; de amortecimento e de transição. Apesar da zona de amortecimento ser a mais destinada a moradia de comunidades tradicionais que representam uma riqueza sociocultural e étnica. Em Santa Maria a comunidade Kaingang está na zona núcleo, que tem como função a proteção da biodiversidade e correspondem basicamente às Unidades de Conservação como Parques e Estações Ecológicas. (LUOS, 2018). Atrelar as comunidades tradicionais, neste caso, os indígenas Kaingang, ao bioma em que estão inseridos e reforçar essa conexão é de extrema importância para a proteção das matas. Há mais de 70 grupos indígenas diferenciados ao longo da Mata Atlântica no Brasil e esse é o público prioritário para a atuação da RBMA. Neste sentido, o Conselho da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e seus Comitês Estaduais atuam na elaboração de políticas públicas e práticas de mercado justo que promovem a melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais inseridas na Reserva (RBMA, 2022). O conhecimento dessa situação e o contexto espacial em que se encontra a Aldeia Kaingang Três Soitas é muito relevante para incentivar atividades que apoiam o desenvolvimento da área e da comunidade

Tais iniciativas entram em harmonia com a relação de consciência que os Kaingang têm com a natureza, onde entendem a interdependência que o ser humano tem com o meio ambiente. O próprio nome “Kaingang”, que significa Povo da Floresta, reafirma essa forte conexão com a terra e com elementos da natureza que se mostram na sua cultura e cotidiano. Na cosmologia, os animais e plantas possuem espíritos, evidenciando essa relação próxima e tornando – os um dos protagonistas no movimento sustentável. Além desse importante papel, Kaká Werá Jecupé nos traz inúmeras contribuições dos indígenas para o mundo, embora não reconhecidas de forma justa devido a exploração de seus saberes decorrente da colonização. Algumas delas são o manejo e cultivo do solo, a classificação de plantas, saberes farmacêuticos, contribuições para a saúde, para a gramática e espiritualidade (JECUPÉ, 2022).

4. Conclusão

É com a motivação acerca das raízes brasileiras que essa pesquisa se direcionou, e dentre tamanha diversidade cultural, percebe-se também a desigualdade do país e onde a cultura indígena se insere. Com as informações coletadas foi possível resgatar a trajetória, cultura e as tradições dos povos indígenas no Brasil e especificamente do povo Kaingang da Aldeia

Três Soitas em Santa Maria, de forma a entender as cosmovisões desse povo originário, suas lutas e contribuições para a natureza e a sociedade. Como afirma Sandoval (2016), a história indígena é uma história de luta, incluindo a trajetória do povo Kaingang até hoje. Depois de muitos processos a Aldeia Kaingang está assentada no território em que escolheram, e essa luta pelo território se justifica pelo forte significado e relação que os Kaingang têm com a terra e seu espaço no mundo. A trajetória da evolução do território e da arquitetura indígena mostra que, além de morada, essas terras têm um valor identitário e ancestral para esse povo, que enxerga seu território como espaço de produção e desenvolvimento, ao contrário dos não indígenas que enxergam a natureza como recurso. Assim, se torna notável a importância do reconhecimento dessas terras como indígenas e da necessidade de atenção a esses espaços, e principalmente às pessoas que ali estão inseridas. Como fruto de um trabalho acadêmico ainda em desenvolvimento, essa pesquisa revela a necessidade de uma metodologia com processos participativos e escuta com essas pessoas que possuem uma cultura e um olhar distinto da sociedade não indígena, quando se trata de intervenções que modifiquem seu território, como a arquitetura, urbanismo, dentre outras áreas.

Entende-se também em que contexto geográfico os Kaingang estão inseridos em Santa Maria. Estar na maior reserva do mundo, a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, bioma que já passa por tantos descasos, é de considerável observação. E ainda perceber o potencial que essa comunidade tem em contribuir com a cultura, sociedade e a natureza, ao mesmo tempo em que se conecta com suas raízes para uma melhor qualidade de vida alinhada com suas crenças e desejos. Por fim, compreende-se que essa pesquisa ainda tem potencial de avanço para além das análises históricas e críticas, mas também em promover visibilidade a esta comunidade em atual situação vulnerável e em processo de luta sobre seus direitos.

Referências:

- AMPARO, S. dos S. **Sobre a organização espacial dos Kaingáng, uma sociedade indígena Jê meridional**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília, 2010.
- AMPARO, S. dos S. **O lote e a maloca: territorialização indigenista, mudanças no saber – fazer arquitetônico e a evolução da paisagem nas aldeias indígenas. Um estudo de caso a partir dos Kaingáng**. PosFAUUSP, 2016.
- ARAÚJO, M. et al. **Identidade cultural: comunidade indígena Kaingang do Município de Santa Maria, RS, Brasil**. Santa Maria, 2021.
- BANIWA, G. dos S. L. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/ Secad / Museu Nacional/ UFRJ, 2006.
- BECKER, Í. I. B. **O índio Kaingang no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1976

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.

CUNHA, M. C. da. (org.). **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

EMILIANO, D.; MARTIN, A. G.; PEREIRA, V. A. **Cultura Kaingang: saberes e identidades direcionados aos desafios contemporâneos da preservação e da educação ambiental**. Revista PerCursos, Florianópolis, 2018.

FUNAI. **Fundação Nacional do Índio**. 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br>
Acesso em: 20 jul. 2022

IBGE. **Indígenas**. 2015. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/> Acesso em: 20 jul. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência**. 1º de julho de 2021.

JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2 ed. São Paulo: Peirópolis. 2020.

KONIG, A.; BECKER, E.L.S. **Aspectos culturais da comunidade indígena kaingang e sua inserção social e econômica na cidade de Santa Maria/RS**. Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, 2017.

LAROQUE, L. F. da S. **Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no Sul do Brasil (1889-1930)**. Pesquisas, Antropologia. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2007.

LUOS. **Lei de Uso e Ocupação do Solo**. Anexo 12.2. Área Municipal inclusa na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018.

LUVIZOTTO, C. K. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: UNESP; Cultura Acadêmica, 2009.

MILDER, V. dos S.. **Sistema tecnológicos e a história indígena em três sítios cerâmicos Guarani, situados nos distritos de São Valentim e Boca do Monte, Santa Maria – RS**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2021.

PERIUS, E. **Indígenas Kaingang em Santa Maria: etnogênese e espaço urbano**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, jul./dez. 2020.

RAMOS, A. R. **Sociedades indígenas**. São Paulo: Ática, 1995.

RBMA. **Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**. Disponível em: <https://www.rbma.org.br/>
Acesso em: 25 jul. 2022



TOMMASINO, K.; ALMEIDA, L. K. de. **Territórios e territorialidades Kaingang: a reinvenção dos espaços e das formas de sobrevivência após a conquista.** Mediações, Londrina, 2014.

ZUCH-DIAS, J. L. **A Tradição Taquara e sua ligação com o índio kaingang.** Dissertação de mestrado apresentada na UNISINOS. São Leopoldo, 2004